

Noite s.f. 1. Tempo que transcorre entre o ocaso e o nascer do sol, em determinado lugar da Terra, de outro planeta ou de um satélite.

I | O MARAIS NÃO ESTÁ PRA PEIXE

ABRO A PRIMEIRA CERVEJA pontualmente às 22h, de frente para o corpo tatuado de Dred Scott. O estalo que quebra o silêncio é um convite para Fátima, que surge no quarto abanando o rabo, irremediavelmente junkie: adora cigarro, pira com fumaça de maconha e não torce o nariz para nenhuma bebida alcoólica. Não titubeio: bafejo uma, duas vezes em suas narinas.

Ando numa fase Dred Scott. Mas já tive muitas outras: Eric Manchester, Matt Ramsey, Aiden Shaw, Joey Stefano, John Davenport, Zak Spears, Max Grand, Chase Hunter, Rex Chandler, Maxx Diesel, Arpad Miklos, François Sagat, Christoph Scharff, Francesco D'Macho, Thom Barron, Mike Roberts, Nick Piston, Dirk Jager, Shane Rollins, Jake Deckard, Dean Flynn, C.J. Knight, Marc Williams, Andrew Justice, Martin Mazza, Ty Lebeouf, Marcus Iron, Adam Champ, Carlo Masi, Dave Angelo, Tony Buff, Darius Falke, Damien Crosse,

Diesel Washington, Scott Tanner. Em geral, elas não duram mais de um mês. Então me canso em definitivo do indivíduo em questão. Dois anos atrás, se me dissessem que eu saberia o nome de uma centena de atores de filmes pornográficos, eu não teria acreditado. Hoje não apenas sei como tenho uma produtora preferida e, de algum modo, chego a me orgulhar disso. Vai entender.

Nos meus momentos mais iluminados, acredito que, na escada cármica, os atores de filmes pornográficos ocupam o degrau mais elevado. São seres evoluídos, com seu corpo aerodinâmico, seu sexo avantajado, sua vida de viagens transatlânticas e festas varando madrugadas. São verdadeiras fontes de inspiração, em sua busca sem limites pelo prazer, seu hedonismo irrevogável.

Dred Scott cospe repetidamente no homem que está comendo: o máximo da desinibição.

Não, o máximo da desinibição é François Sagat deitar seu corpo de músculos perfeitos no chão e abrir a boca também perfeita para receber o jato de mijo de três homens. O máximo da desinibição é conseguir urinar na frente de toda uma equipe de produção. Como eu dizia, seres evoluídos.

Quando abro a segunda cerveja, Fátima apenas levanta a cabeça e me encara. Aproximo-me dela. Bafejo uma, duas vezes em suas narinas.

Escancaro a porta do armário. Não quero vestir nenhuma destas trinta camisas, nenhuma das dez calças. Penso: *Preciso de roupas novas*. Mas escolho afinal duas peças, calço os tênis de sempre. *Preciso de tênis novos*. O espelho me diz que não estou

nos meus melhores dias, mas é o que ele sempre me diz quando estou prestes a sair — a iminência de me encontrar à mercê da avaliação alheia, essa punheta —, e trato de ignorá-lo. As duas espinhas da testa tapo com corretivo, arrumo o cabelo com as mãos. E volto a me sentar de frente para o computador.

O brasileiro Rafael Alencar, de João Pessoa, Paraíba, come um sujeito flagrantemente dopado que volta e meia o provoca com perguntas como *Is that all you can do?* e *Why don't you fuck me like a man?*, ao que nosso paraibano responde num português repetitivo: “Leva essa pica, meu”. Uma piada, uma delícia. A grande questão dos filmes do gênero: dependendo do estado de espírito de quem vê, transformam-se em comédias inigualáveis.

Rui chega às 23h. Aceita uma cerveja, desaba no sofá e diz:
— Bicha, a noite promete. — Toma um gole da bebida, passa a língua nos lábios. — Acendi vela para cinco santos, costurei a boca de um sapo e tomei banho de sal grosso. — Ele se interrompe. — Depois, evidentemente, passei 212 dos pés à cabeça.

Levanto minha lata em sinal de brinde.

— À nossa.

— A Nossa Senhora, que há de ouvir minhas preces. Veado enalhado é pior do que baleia. Não tem maré que o leve de volta para o oceano.

Sorriso.

— E o mar não está pra peixe.

— Não, amor, nunca. — Rui finalmente se volta para Fátima, que cheira a perna de sua calça. — Ai, filhinha, você é

feia demais. Acredita que eu sempre me esqueço disso e, quando chego aqui, é uma nova surpresa?

Fátima levanta a pata direita. Chamo seu nome.

— Não fala assim com ela, porra.

— Ai, Henrique, com tanta raça de cachorro você foi escolher logo esse morcego. Quer dizer, sei lá, golden, dalmata, labrador, até cocker, embora os malditos fedam como o diabo. Ou então uma linha bem moça: poodle, yorkshire, lulu da pomerânia, já imaginou, você de legging preta levando sua cadelinha para passear no bairro?

— Eu gosto de buldogue francês — afirmo, pela enésima vez.

— Sim, mas a questão é por quê. Os infelizes podem ser dóceis, mas esteticamente são um suplício, a cara da fome.

— Ele se vira para Fátima, afaga sua orelha. — Nada pessoal. Eu te amo de qualquer jeito, minha beleza dos infernos.

Rui pega na mesinha de centro a *Men's Health*. Aproveito para ligar para o Túlio, que diz já estar chegando. Quando volto da cozinha com mais duas cervejas, Rui folheia a revista com um sorriso no rosto.

— Isso aqui é a *Nova* masculina. Quer dizer, “Acabe com os pneus em dez lições”, “21 coisas divertidas para fazer com uma mulher”. Você está entendendo? Não dá. Por que você comprou essa merda?

— Foi um engano.

Rui me encara por alguns instantes.

— Acredito. Ou melhor, prefiro acreditar nisso a achar que você realmente gosta de lixo. — Ele joga a revista na mesinha e se levanta. — Se é para não ter conteúdo, que pelo